



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS JOÃO PESSOA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB-IFPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO 2ª LÍNGUA
PARA SURDOS NA MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

MARIA DA LUZ DE SOUZA ALVES

AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA VISUAL NO PROCESSO DE
ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO

JOÃO PESSOA

2020

MARIA DA LUZ DE SOUZA ALVES

**AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA VISUAL NO PROCESSO DE
ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO**

TCC-Artigo apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus João Pessoa, Polo Alagoa Grande, para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª língua para Surdos, sob a orientação do(a) Prof.(a). Drª. Janaína Aguiar Peixoto.

JOÃO PESSOA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Biblioteca Nilo Peçanha – IFPB, *Campus* João Pessoa

A474c

Alves, Maria da Luz de Souza.

As contribuições da literatura visual no processo de ensino aprendizagem do aluno surdo / Maria da Luz de Souza Alves. – 2020.

41 f. : il.

TCC Artigo (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos) – Instituto Federal da Paraíba – IFPB / Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação. Diretoria de Educação a Distância.

Orientadora: Profª Drª. Janaína Aguiar Peixoto

1. Linguagem visual 2. Educação de surdos. 3. Língua de sinais. 4. Ensino e aprendizagem. I. Título.

CDU 81'221.4:376

FOLHA DE APROVAÇÃO

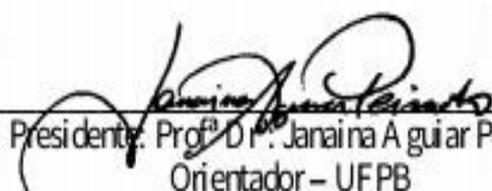
MARIA DA LUZ DE SOUSA ALVES

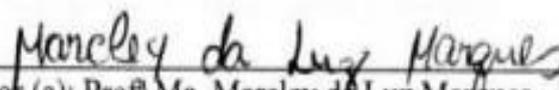
AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA VISUAL NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO

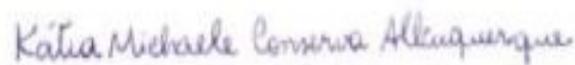
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos.

Aprovado em 27 de novembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA


Presidente: Prof^a Dr^a: Janaina Aguiar Peixoto
Orientador – UFPB


Examinador (a): Prof^a Ma. Marceley da Luz Marques – IFPB


Examinador (a): Prof^a Ma. Kátia Michaela Conserva Albuquerque – IFPB

As Contribuições da Literatura Visual no Processo de Ensino e Aprendizagem do Aluno Surdo

Maria da Luz de Souza Alves¹

Janaína Aguiar Peixoto²

Resumo: A literatura visual é uma modalidade de significativa contribuição para o educando surdo. Assim, o presente trabalho teve como principal objetivo, abordar as contribuições da literatura visual no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo, buscando retratar o quanto se faz necessário tornar conhecida a Língua de Sinais, nos diversos espaços sociais. Ao que tange à metodologia, este estudo se caracterizou como Pesquisa Exploratória, buscando em bibliografias que tratam da temática, para promover a descrição da complexidade da Literatura Surda e da Língua de Sinais, interpretar e compreender pela Análise Qualitativa Descrita, os principais autores. Esses, foram pesquisados através do Google Acadêmico, utilizando-se de descritores temáticos sobre os fatores históricos e do trajeto da Literatura Surda, para proporcionar análises condizentes aos valores culturais e às obras literárias dos surdos. Notoriamente, os resultados mostraram que há uma ênfase para que na educação do surdo, se adote uma metodologia visuo-gestual, com valorização e uso da Libras, além da necessidade de uma formação continuada para os professores envolvidos neste processo, com aporte didático-pedagógico especializado. Ademais, há eminente necessidade de valorização e divulgação nas escolas e na sociedade, da Cultura e da Literatura Surda. Espera-se que esse trabalho contribua para o despertamento de todos os professores que trabalham com alunos surdos, de forma que, sejam sensibilizados da importância da inserção das obras literárias visuais no processo educativo dos surdos, com aporte de metodologias direcionadas às suas especificidades.

Palavras-chave: Literatura Visual. Ensino de Surdos. Língua de Sinais.

Abstract: Visual literature is a modality of meaningful contribution for the deaf student. Thus, the present paper has as its main objective, to approach visual literature's contributions on the teaching and learning process of the deaf student, trying to depict how necessary it is to make Sign language known on the various social spaces. When it comes to methodology, is characterised as Exploratory Research, searching onto bibliographies that broach the subject, to promote a description of the complexity of both deaf literature and Sign language, to interpret and comprehend by means of Descriptive Qualitative Analysis, its main authors. These were researched through Academic google, making use of thematic descriptors on the historic factors and of Deaf Literature trajectory, to provide analyses compatible with the cultural values and the literary works of the deaf. Notoriously, the results show that there's an emphasis on adopting a sign visual methodology on the deaf education, prizing and using Libras, besides the need for continuous education for the teachers participating on the process, with specialised pedagogic didactical input. Moreover, there's imminent need of valuing and divulging within society and schools of deaf culture and literature. We hope that this paper contributes to an awakening of all the teachers who work with deaf students, so that they may be made sensitive to the insertion of visual literary works in the educative process of the deaf, with the input of methodologies directed to their specificities.

Key words: Visual Literature. Deaf teaching. Sign Language.

¹ Graduada em Licenciatura em Pedagogia, pela UEPB. Especialista em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio, pelo Instituto Superior de Educação São Judas Tadeu.

² Doutora em Letras pela UFPB, Mestre em Ciência das Religiões pela UFPB, Graduada em Fonoaudiologia pela FRASCE – RJ e Tradutora e Intérprete de LIBRAS (UFF).

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que, a literatura tem sua origem às visões platônicas e aristotélicas e que estas propostas foram predominantes até a atualidade. Vale ressaltar que, os significados do que seja literatura é variável com o tempo social de cada época, e é certo que, com o passar do tempo, observamos que a literatura tem apresentado mudanças. Assim, ela vem tomando uma proporção maior do que outrora e não se limitando apenas a um único público, os ouvintes. Tais mudanças têm contribuído significativamente ao que tange o ensino especializado do surdo. No início deste século, surge fortemente a literatura visual, ou seja, uma literatura voltada para tal público (NICHOLS, 2016).

Dentre tantos aspectos, a literatura visual ou surda em sua grande maioria, disponibiliza de uma modalidade riquíssima na compreensão dos sujeitos com surdez, que é a espaço-visual, apresentando assim, um viés inclusivo que se adequa às habilidades desses sujeitos, fazendo com que sua língua natural esteja presente nos diversos espaços sociais e culturais (FERREIRA; CÓRDULA, 2017). Portanto, ao que concerne à modalidade espaço-visual e à relevância da literatura surda na valorização da língua natural do sujeito surdo, objetivamos a partir da presente pesquisa, abordar a importância das contribuições da literatura visual no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo, buscando retratar o quanto se faz necessário tornar conhecida a Língua de Sinais, nos diversos espaços sociais.

A vista disso, a pesquisa em questão justifica-se pela necessidade do conhecimento da cultura surda e da modalidade linguística que a representa, visando uma valorização desta, sem deixar de lado a importância das características linguísticas presentes na literatura surda, que se pauta em sua maioria, expressada através de uma língua espaço-visual.

2 UM BREVE OLHAR SOBRE O PERCURSO HISTÓRICO DA LITERATURA

Ao falar sobre literatura, torna-se imprescindível, a partir do passado e com vistas às tendências atuais, uma vez que, precisamos de fatos que nos possibilitem uma visão mais ampla, referente à temática explicitada anteriormente. Dito isto, “[...] caberia conferir um sentido à história reelaborando a relação do passado ao presente, justamente para apreender o presente como sendo histórico, acessível a uma práxis transformadora” (MAAR, 1995, p. 24). Dessa forma, a análise, juntamente com a reflexão, nos possibilita uma melhor compreensão e, conseqüentemente, uma intervenção frente à realidade.

Sabendo disso, podemos afirmar que, o olhar direcionado ao conceito de literatura, tem se diferenciado no decorrer da história. Por isso, faz-se necessário pensar a literatura como um elemento essencial no processo histórico, para, em seguida, compreendermos melhor acerca da atual visão referente a tal conceito.

Ao que tange as discussões acerca do conceito de literatura, sabemos que são inúmeras, visto que, para a literatura atual não existe um conceito único e universal. Os primeiros registros encontrados sobre a origem da Literatura aconteceram no período da Grécia Antiga, com os filósofos Platão (séculos V e IV a.C.) e Aristóteles (século IV a.C.). Em Platão, a literatura ganhou notoriedade com suas obras *A República*, “[...] atrelada a uma concepção que valorizava mais o componente ético do que o estético” (PEIXOTO, 2020, p. 13), onde direcionava a Literatura para uma definição mais formalista, fazendo uso da razão, como aporte para suas teorias. Por outro lado, na visão de Aristóteles, ganhou destaque na obra *Poética*, “advogando pela autonomia da arte e propondo uma visão um tanto quanto normativa do fazer poético[...]” (Ibidem, p. 14). Aristóteles trabalhava a Literatura através da emoção, no qual a arte ganhou destaque notório em suas obras.

A partir de então, percebe-se que algumas mudanças acerca da análise da literatura ganharam destaque, levando à discussão de questões concernentes aos conceitos da literatura, visto que, “[...] é com Platão (séculos V e IV a.C.) e Aristóteles (século IV a.C.), porém, que a análise da literatura assume contornos mais definidos” (SOUZA, 2007, p. 12). Assim, os dois filósofos se dedicaram à temática em discussão, de forma diferenciada dos demais à época, deixando significativas contribuições resultantes de suas reflexões que, conseqüentemente, fizeram de suas obras, alvo de destaque ao longo da história.

Ao que concerne o percurso histórico da literatura e o seu significado nem sempre foi atribuída de forma unificada e, portanto, diferente da atualidade, pois sabemos que o olhar voltado para a literatura, diferiu ao longo do percurso da história. Souza (2007, p. 46), explicita que,

(...) com relação à palavra literatura, podemos considerar dois significados históricos básicos: 1. até o século XVIII, a palavra mantém o sentido primitivo de sua origem latina — literatura —, significando conhecimento relativo às técnicas de escrever e ler, cultura do homem letrado, instrução; 2. da segunda metade do século XVIII em diante, o vocábulo passa a significar produto da atividade do homem de letras, conjunto de obras escritas, estabelecendo-se, assim, a base de suas diversas acepções modernas.

Ante ao explicitado, ratificamos que, o olhar voltado para o conceito e/ou significado de literatura, se diferenciou no decorrer dos anos. Sendo assim, percebemos, conforme menciona

Peixoto (2020, p. 13) que, “[...] a tentativa de conceituá-la foi recorrente por escritores, críticos e teóricos”. É certo então que, houve mudanças alusivas ao sentido da palavra literatura, durante seu trajeto histórico, principalmente no decorrer do século supracitado. Destarte, como o significado direcionado à definição do que seja literatura, tem se modificado de acordo com o tempo social de cada época, ramificou-se em diversas acepções modernas, precisamente, a partir da segunda metade do século XVIII (Ibidem).

Ao que concerne a estas acepções modernas, Souza (2007) conseguiu reduzi-las em cinco, que mais adiante, passamos a tomar conhecimento de outros tipos de produções literárias. Uma destas, tomou destaque, sendo a Literatura Visual, foco deste trabalho.

Agora, já que pontuamos o processo histórico do olhar relativo à literatura e a algumas discussões atinentes ao seu conceito, passaremos a explicitar um breve relato histórico da literatura do povo Surdo.

2.1 A trajetória histórica da literatura do povo Surdo

Ao que concerne a história da literatura do povo Surdo, sabemos que, é preciso voltar ao passado, em busca de elementos que nos possibilitem prováveis reflexões e, conseqüentemente, possíveis mudanças. Logo, ao fazermos uma breve análise da trajetória histórica desse povo e de sua literatura, temos uma maior percepção de alguns destes elementos. Deste modo, tentamos apresentar algumas significativas mudanças ocorridas no decorrer do tempo e em relação à literatura Surda, uma vez que, tal povo, também possui uma história a contar, com suas obras literárias, marcadas por momentos de lutas e escassez.

Durante muito tempo, aconteceram fatos que contribuíram para o impedimento da propagação das obras do povo Surdo. Um deles foi o Congresso de Milão, que, mais adiante, será discutido. Nesse momento, interessa-nos conhecer alguns aspectos concernentes aos textos literários das gerações passadas, cuja autoria correspondia ao sujeito surdo e a sua transmissão, acontecia na modalidade visuo-gestual (STROBEL, 2008). Portanto, se faz necessário voltar ao passado, para se perceber alguns detalhes referentes a tais textos.

Conforme Peixoto (2016, p. 13-14), observou que,

(...) na realidade esta habilidade criativa tão natural que alguns surdos possuíam e ainda possuem, pegavam todos na plateia ou roda de conversa, de surpresa. Era um ato desprezioso de homenagem, celebração, comemoração, reivindicação, luto, demonstração de carinho, porém sem maiores holofotes, valorização artística e muito menos comercialização desses textos sinalizados do gênero narrativo e poético, que eram transmitidos de geração para geração por uma tradição sinalizada ou tradição visual.

Diante do mencionado acima, percebemos que, mesmo de forma diferente da que conhecemos hoje, o povo Surdo tinha sua forma de produzir textos literários. Por isso, não podemos deixar de valorizar sua especificidade, visto que, a valorização e/ou reconhecimento da sua cultura, é o ponto de partida para a propagação de suas obras (PERLIN; STROBEL, 2014).

Mesmo sem o devido reconhecimento, sabemos, entretanto, que é imprescindível não mencionarmos os prováveis momentos em que ocorreram os conhecidos textos literários sinalizados, uma vez que resultam dos contatos entre os surdos, durante os momentos em que estes se reuniam. Ao que tange às obras literárias, sabemos que, em meados do século XIX, conforme observa Peixoto (2020, p. 39) “[...] é possível supor que a prática de transmissão de textos sinalizados literários no contato surdo-surdo, embora sem nenhum tipo de registro, tenha ocorrido durante os Banquetes de surdos [...]”. Esses ambientes adequados para criação de vários gêneros, considerados pela autora, foram de grande importância para os surdos.

Como já aludido anteriormente, o povo Surdo também usufruía de momentos festivos, juntamente com outros surdos, os quais aproveitavam, para compartilhar as conhecidas obras literárias. Esses momentos, conhecidos como fase dourada, não perduraram por muito tempo, pois, muitos não consideravam a cultura Surda importante e/ou significativa (STROBEL, 2008).

Por não haver um reconhecimento necessário referente à cultura do povo Surdo, não é de se admirar que, em consequência disso, durante muito tempo não era voltado um olhar significativo para o surdo, nem tampouco para o que este produzia (STROBEL, 2008). Deste modo, esse sujeito não era tão aceito na sociedade quanto devia. Em análise, Costa enfatiza:

Logo, a posição sujeito que cabia ao surdo era a de incapaz de se expressar oralmente, de se desenvolver intelectual e moralmente, também incapaz de expressar sentimentos ou qualquer pensamento, logo não tinha nenhum tipo de acesso à educação, que só começou a existir a partir do século XVI (COSTA, 2009, p. 26).

Ante ao explicitado, vemos o quanto o olhar voltado para o sujeito surdo era de inferioridade, pois não viam esta pessoa como alguém com condição de se desenvolver nas mais diversas áreas, uma vez que, não conseguia se expressar oralmente (STROBEL, 2008). Sendo assim, já que não havia o reconhecimento da especificidade do sujeito surdo, possivelmente, também, não viam neste, condição de se desenvolver social e cognitivamente, muito menos, condição para desenvolver qualquer obra, principalmente a literária (PEIXOTO, 2020). Em consequência disso, mais adiante, veremos a presença de alguns impedimentos que os surdos tiveram em relação à expressividade de acordo com as suas necessidades.

Nas suas análises, Costa (2009) menciona que, foram adotados métodos radicais para o impedimento da comunicação gestual dos surdos, com o objetivo de evitar que houvesse comunicação gestual com outras pessoas. Dessa forma, percebemos que, a comunicação dos surdos com as demais pessoas, incomodava a muitos, tanto que, buscaram meios de impedir que tal comunicação continuasse.

Em concordância, Gesser (2009) menciona em seu estudo, a dificuldade que os surdos tiveram ao longo da história, de fazer uso da sua língua natural. Diante disso, vemos o quanto havia a privação do uso da língua natural do surdo, pois a população que fazia uso do idioma de forma oral, impedia aos surdos de utilizarem e desenvolverem sua língua natural para se comunicar (STROBEL, 2008).

O surdo além de não ser aceito pela sociedade, também era visto como uma pessoa estranha e diferente, portanto, desprezado pela sociedade. Percebemos que, como não havia o reconhecimento da pessoa surda, não haveria uma preocupação com a preservação de suas obras literárias, uma vez que, não era do interesse de parte da sociedade, que o surdo pudesse de alguma forma, expressar seu pensamento, sua opinião e/ou seu posicionamento (STROBEL, 2007). Contudo, mesmo diante da visão distorcida relativa ao surdo, alguns, mesmo sendo minoria, preocupavam-se com a educação desses sujeitos (Ibidem).

Em favor da condição do surdo, no Brasil é criado o INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos. Ao que tange ao nome do fundador, percebemos que, de acordo com os documentos produzidos nas primeiras décadas do século XX pelo INES, e que foram analisados pela historiadora Rocha (2008), tal nome apresenta uma certa variação, sendo uma delas, E. Huet.

O Instituto é tido como o centro de referência e de formação do sujeito surdo. Após a sua fundação, começamos a ver alguns avanços condizentes com a educação do surdo. Agora, o surdo poderia pertencer a um grupo, o que foi algo significativo à época. Na medida em que houve uma preocupação e, conseqüentemente, uma mobilização em busca dos interesses atinentes aos menos favorecidos, foi possível chegar a resultados positivos para a comunidade surda brasileira (STROBEL, 2008). Tais resultados ocorreram antes do congresso de Milão, mas não perduraram por muito tempo.

Até aqui percebemos que o sujeito surdo sempre buscou ampliar sua cultura de forma a estender suas tradições. Se formos analisar os fatores históricos da educação do surdo, constataremos, todavia, que houve certos impedimentos, que de forma expressiva, como o congresso de Milão, que dificultaram a trajetória da repercussão das obras consideradas literárias. Um dos retrocessos que aconteceu neste Congresso, realizado em 1880, foi “[...] que,

em função do impacto mundial de sua decisão em favor das filosofias e métodos oralistas a qualquer custo, afetou a educação dos surdos em todas as partes do mundo” (GESSER, 2009, p. 38). Se, como ponto positivo, temos o INES, uma conquista significativa do povo surdo, em contrapartida, temos o Congresso de Milão, que marcou de forma negativa sua história e a propagação de suas obras literárias.

O congresso de Milão, não contribuiu de forma beneficente, pois negligenciava o direito do surdo de fazer uso da sua língua natural, prevalecendo o uso da língua majoritária. Esse foi o desejo de muitos especialistas ouvintistas³, e foi justamente o que aconteceu. Dessa forma, ao invés de ser um momento no qual, aqueles que tinham o poder de decisão, tivessem um olhar sensível à especificidade do surdo e vindo a intervir de forma positiva a favor deles, não foi o que aconteceu, pois, não havia o reconhecimento significativo da comunicação através dos sinais, já que, apenas a oralidade era concebida, e assim continuou.

Conforme Strobel (2008, p. 90), “No dia 11 de setembro de 1880 houve uma votação e por 160 votos contra quatro, ganhou o método oral na educação dos surdos e a partir daí a língua de sinais foi proibida oficialmente alegando que a mesma destruíria a habilidade da oralização dos sujeitos surdos”.

O congresso de Milão acabou prejudicando bastante a liberdade de transmissão, que outrora o povo Surdo tivera, e que, também, “[...] repercutiu na história de surdos do mundo inteiro, trazendo implicações no âmbito *educacional, cultural e literário* dos surdos” (PEIXOTO, 2020, p. 41). Sendo assim, podemos imaginar o tamanho do retrocesso na esfera literária, já que não era possível que o surdo fizesse uso da sua língua natural, conseqüentemente, não era possível que houvesse a continuação da transmissão da sua cultura. Isso prejudicou bastante a propagação da cultura literária, ou seja, a tradição visual, trazendo significativas implicações para a esfera literária desta comunidade.

Ainda conforme, Peixoto:

As implicações para o âmbito literário foram lastimáveis, pois as fábulas, poesias histórias, piadas, de autores surdos criadas antes de 1880 foram perdidas, ficaram, apenas, na memória dos surdos que já morreram. Os surdos não tinham liberdade de transmitir para outros surdos que nasceram em outras gerações, sem ser clandestinamente. Totalmente diferente da realidade vivida na época áurea, quando os surdos tinham liberdade de organizar encontros de surdos, como o Banquete de Surdos, mas agora isto ficou impossível de acontecer. Então, as histórias e poesias eram impedidas de serem compartilhadas nas festas, encontros ou em rodas de bate-papo de surdos (PEIXOTO, 2020, p. 41).

³ Ouvitismo é um termo referente ao “conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte” (SKILIAR apud GESSER, 2012, p. 88).

De acordo com o explicitado acima, houve um tempo em que foi possível a propagação de piadas, poesias e dentre outras, mas isso deixou de acontecer devido ao congresso de Milão (STROBEL, 2008). Tal evento contribuiu para a extinção das obras de autores surdos, impedindo que gerações futuras tivessem acesso a sua totalidade, ainda que, continuasse ocorrendo de forma oculta. Sendo assim, é inevitável dizer que, tal evento afetou o desenvolvimento literário, impedindo-nos de termos um conhecimento maior a respeito da Literatura do povo Surdo (STROBEL, 2007).

Mais adiante percebemos que foi preciso uma longa jornada, com a finalidade de converter o trajeto de barreiras que outrora o povo surdo tinha enfrentado e, conseqüentemente, é perceptível vermos a atuação e participação do surdo em escolas e outros locais. Este avanço foi legitimado legalmente, como a exemplo da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Logo após, temos o Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei citada anteriormente. Ou seja, diante dessas Leis é explicitada uma regulamentação concernente ao atendimento educacional da comunidade surda.

A legislação passa a permitir aos surdos, que possuíam apenas uma formação básica e que desempenhavam a função de instrutores de LIBRAS, a possibilidade de acesso à formação superior para o curso de Licenciatura em Letras, com habilitação em LIBRAS. Este é explicitado no Decreto nº 5.626/2005, no Art. 4º:

A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua (BRASIL, 2005).

Tal formação teve uma significativa ampliação e repercussão, chegando a contribuir significativamente, com o incentivo ao estudo amplo da literatura, inclusive ao acesso à Literatura pela comunidade surda. Portanto, podemos dizer que, esse foi o ponto de partida à mais diversas oportunidades para estudar e se aprofundar nos conhecimentos condizentes com a Literatura Visual (COSTA; KELMAN, 2013).

Ao que concerne a Literatura Visual, esta é uma modalidade de produção literária que utiliza dos recursos visuais para repassar suas obras, possuindo importante relevância para a formação do leitor surdo e que usa desse sentido, para compreender e perceber o mundo. Portanto, “[...] consiste no todo, composto pela: Literatura em LIBRAS e pela Literatura Surda” (PEIXOTO, 2020, p. 44), visando o pleno entendimento e acesso do sujeito surdo. Apontando valorizar a comunidade e o povo Surdo, esse modelo literário divide-se em dois tipos de produções: **as**

adaptadas, que apresentam obras de autores ouvintes, com alteração de enredo e personagens, objetivando inserir a realidade surda nos textos literários, tendo como exemplo de obra a *Cinderela Surda*; e **as produções criadas**, próprias de autores surdos. Alguns exemplos destes textos literários do gênero narrativo são os da saga: “*A Fazenda*”, *Fazenda: Pato*; *Fazenda: Vaca*; *Fazenda: Galinha*, dentre outros. (PEIXOTO, 2020). Ambas produzidas na Língua de Sinais e em Língua Portuguesa, nas modalidades escrita e sinalizada.

Acerca da Literatura em LIBRAS é importante salientar que, ela é composta por obras de autores ouvintes, com traduções em Libras, visando atender a comunidade surda. Nesse modelo literário, as traduções seguem à risca seu formato original, ou seja, as histórias literárias não sofrem qualquer tipo de alteração em se tratando de enredo e personagens. E, como acrescenta Peixoto (2020, p. 44), “[...] nesta categoria, encontramos então obras para Surdos e não de Surdos”, visando, contudo, o acesso destes sujeitos a esses materiais.

Ao que diz respeito a Literatura surda, Karnopp (2006) explicita que, começamos a percebê-la em nosso meio, possivelmente, com um desejo de reconhecimento pois, conforme afirma a mesma autora, “[...] a literatura do reconhecimento é de importância crucial para as minorias lingüísticas que desejam afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias reprimidas” (Ibidem, p. 100). Torna-se imprescindível o reconhecimento que deve ser voltado para a Literatura do surdo, uma vez que, através da ciência Literatura, há um leque de possibilidades de recuperar, ainda que de forma gradativa, suas histórias reprimidas.

Portanto, cabe dizer que, a “Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, possibilitando outras representações de surdos, considerando-os como um grupo lingüístico e cultural diferente” (KARNOPP, 2006, p. 102). Temos nessa literatura a presença de texto em LIBRAS, pois a especificidade do surdo, necessariamente, prevê que os textos estejam de acordo com sua língua natural. Sendo assim, não podemos nivelar os surdos como pessoas incapazes, e sim, como pessoas com uma capacidade cognitiva semelhantemente ao do ouvinte, pois o fato de tal povo ser um grupo lingüístico e cultural diferente, não os fazem menos capazes.

Sendo assim,

(...) semelhantemente às literaturas de outros povos, as obras pertencentes à literatura surda são produzidas baseadas na sua cultura. Na contemporaneidade, podemos testemunhar uma nova realidade, com várias obras de autores surdos com registros adequados para as futuras gerações, devido aos avanços tecnológicos. (PEIXOTO, 2020, p. 76).

A partir dos conceitos acerca da Literatura Visual, é possível perceber o quanto esse modelo literário se constitui como método acessível de repassar literatura ao sujeito surdo (KARNOPP, 2006). Esta, coloca em ênfase a aquisição do conhecimento, a partir de uma linguagem familiarizada, que vai de encontro as suas capacidades em se tratando da língua. Portanto, ao considerar a importância da literatura para o desenvolvimento cognitivo do aluno surdo e a necessidade do acesso deste, às produções literárias, é importante destacar o quanto se faz imprescindível o acesso desses sujeitos à Literatura Visual.

Sabemos, portanto que, quando falamos de Literatura, sua abrangência vai além dos textos impressos em grandes obras, integrando um conjunto de fatores estéticos e estilístico que fazem parte do dia a dia da humanidade (RAMOS; ABRAHÃO, 2018), além de apresentar variações que, dentre elas, é possível identificar uma de grande importância no processo histórico de ensino e aprendizagem do povo surdo, que é a Literatura Visual.

A seguir discorreremos sobre a Literatura Visual na educação do surdo, de forma a explicitar os pontos referentes à utilização de tal Literatura, no processo educativo do surdo.

3 A LITERATURA VISUAL NA EDUCAÇÃO DO ALUNO SURDO

Quando falamos do processo educativo do aluno surdo, necessariamente nos deparamos com a necessidade de pensarmos no ensino que atenda às suas especificidades.

Vale ressaltar que, para trabalhar com a educação dos surdos, faz-se necessário que haja profissionais capacitados, para enfrentar os prováveis desafios encontrados em sala de aula. Somente com uma formação adequada do profissional, haverá condições de pesquisar e/ou selecionar mecanismos que o ajudem no ensino do surdo (DUBOC, 2005).

Portanto, deve-se pensar numa educação que favoreça positivamente o ensino e a aprendizagem do sujeito surdo, com pré-seleção de textos contextualizados e adaptados, além da utilização adequada de metodologias voltadas às necessidades destes alunos e, principalmente, na inserção da literatura na modalidade visual no ensino da Língua Portuguesa (LP), como forma de aguçar e despertar o desejo do aluno pela leitura e escrita consequentemente ao aprendizado significativo (DUBOC, 2005; QUADROS; SCHMIEDT, 2006).

Até aqui vimos o quanto há uma variação de possibilidades de trabalhar com o aluno surdo, levando em consideração suas especificidades. Deste modo, “o reconhecimento destas especificidades é o ponto inicial para o ensino de literatura direcionado ao público de leitores surdos, a fim de buscar uma metodologia eficiente e adequada de ensino [...]” (PEIXOTO, 2020,

p. 28). A partir do reconhecimento voltado para o sujeito surdo e suas necessidades, logo, deve-se pensar numa metodologia adequada à sua realidade.

Já que estamos falando da esfera educacional, não podemos deixar de ratificar a importância da inserção da literatura visual no processo educativo do aluno surdo, uma vez que, as produções literárias visuais são uma modalidade que necessariamente devem estar presentes no contexto educacional do aluno surdo, proporcionando significativas influências ao que concerne o ensino da LP, buscando dessa forma acionar mecanismos linguísticos diferentes e metodologias adequadas de ensino, utilizando a LIBRAS e estratégias visuais de ensino (PRADO, 2019).

Vale ressaltar que, quando falamos de alfabetização de alunos surdos, Prados (2019) destaca a importância do visual nesse processo de ensino. Sendo assim, a inserção da literatura visual também deve alcançar a realidade dos alunos surdos, contribuindo ricamente para um ensino significativo e estimulante, pois dessa forma o educador oportunizará ao aluno surdo condições favoráveis de aprendizagem, principalmente, ao incentivo à leitura e escrita no ensino da LP.

É certo que, ao que concerne ao ensino e aprendizagem do aluno surdo, se faz necessário didáticas e métodos baseados em estratégias visuais (PRADO, 2019). Assim sendo, é possível perceber através do modelo literário, ou seja, da literatura visual, método acessível, para um ensino significativo. Portanto, ao considerar a importância da literatura para o desenvolvimento cognitivo do aluno surdo e, a necessidade do acesso deste, às produções literárias, é importante destacar o quanto se faz imprescindível o acesso desses sujeitos à literatura visual.

4 METODOLOGIA

O presente artigo segue uma perspectiva Qualitativa, que, segundo Oliveira (2007, p. 59) “[...] pode ser caracterizada como sendo uma tentativa de se explicar em profundidade o significado e as características do resultado das informações (...)”. Tem natureza metodológica Exploratória, que segundo a mesma autora, promove a descrição da complexidade de problemas e hipóteses, além de analisar, interpretar, compreender e classificar certos processos sociais. Esta metodologia vale-se de diferentes modalidades investigativas, desenvolvida a partir de bibliografias temáticas pesquisadas, que nos possibilitou por meio de um levantamento realizado durante o período de maio a setembro de 2020, discutir a temática, a partir do método

Qualitativo Descritivo, por interação dos temas publicados em cada bibliografia (SILVERMAN, 2009).

Foram utilizados livros, dissertações, teses e artigos como base de fundamentação para o desenvolvimento deste estudo. As bibliografias versavam sobre o universo histórico, social e educacional dos Surdos e da Literatura Surda. Todo este material foi pesquisado através do Google Acadêmico (<https://scholar.google.com.br>), através de três descritores temáticos: Literatura Visual, Ensino de Surdos e Língua de Sinais. Foram ainda utilizados livros de acervo próprio, e, por fim, alguns documentos de marco legal, que foram pesquisados através do buscador Google.

Na busca on-line realizada, obteve-se acesso a uma gama de materiais bibliográficos, porém, após leitura para seleção dos que contivessem os descritores da pesquisa, 10 bibliografias tornaram-se o cerne condutor deste estudo.

As principais bibliográficas utilizadas para o desenvolvimento deste foram: os livros, que após análise de seus conteúdos, traziam informações precisas e amplamente discutidas da temática em questão, sendo o primeiro, intitulado “Teoria da literatura” (SOUZA, 2007), com informações sobre conceitos e trajeto histórico da literatura; o segundo, “O INES e a Educação do Surdo no Brasil” (ROCHA, 2008), e o terceiro, “LIBRAS? que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda” (GESSER, 2009), que explicita sobre o trajeto histórico relacionado a educação do surdo; o quarto, o quinto e o sexto livro respectivamente, “Ensino de Língua Portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógicas” (SALLES, 2004), e “Educação de Surdos: aquisição da linguagem” (QUADROS, 1997), discutem questões relacionadas ao ensino do surdo.

Foram selecionadas duas dissertações, pela abordagem centrada nas questões atuais e vinculadas às dificuldades encontradas historicamente pelo povo Surdo, e que reverberam na atualidade, com enfoque na aceitação social e no desenvolvimento educacional: “O surdo e as posições sujeito ontem e hoje: falta, excesso ou diferença” (COSTA, 2009) e “O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções poéticas em língua de sinais no Brasil” (PEIXOTO, 2016). E, uma tese de Karin Lilian Strobel (2008), intitulada “Surdos: Vestígios Culturais Não Registrados Na História”, trouxe valiosas informações da cultura e da história do povo Surdo.

Foram ainda utilizados dois documentos como marco de conquista da Comunidade Surda no Brasil, o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que foi regulamentado pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, sobre o atendimento educacional da comunidade surda. E, ainda, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que já trazia em seu corpo, o atendimento educacional especializado para

portadores de necessidades especiais – esta terminologia foi substituída desde 2013, para “[...] educandos com deficiência⁴, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” (BRASIL, 2013).

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ante ao explicitado nos materiais pesquisados nas fontes citadas acima, percebemos que os resultados mostraram que há um destaque para que na educação do surdo, seja inserido uma metodologia visuo-gestual e a Literatura, com valorização e uso da Libras. Além da necessidade de uma formação continuada para os professores envolvidos neste processo, com aporte didático-pedagógico especializado. De acordo com Prado (2019, p. 97) ao que se refere a alfabetização de alunos surdos, “[...] são necessárias didáticas e organizações de ensino baseadas em estratégias visuais diferentes das propostas direcionadas aos alunos ouvintes”. Ou seja, se o aluno ouvinte, necessariamente, precisa da audição para ter acesso ao aprendizado de forma eficiente, em contrapartida, o aluno surdo, precisa da visão para aprender de forma diferenciada do outrora (Ibidem). Por isso, ele deve estar inserido em ambientes que favoreçam a aprendizagem visual.

Ainda, segundo a mesma autora, “[...] precisamos considerar a dimensão visual e social ao planejar o ensino de alunos surdos” (PRADO, 2019, p. 100). Os conhecimentos, por parte dos alunos, devem ser acessados visualmente. Quando o professor se propõe a trabalhar com o ensino visual de alunos surdos, mesmo sendo difícil tal desafio, o resultado é positivo, pois o surdo passa a ter acesso ao ensino adequado.

Visando um aprendizado eficiente desse educando no ensino da LP, é necessário reconhecer a importância da inserção da Literatura, na modalidade Visual, como a forma mais adequada de inserir o educando no mundo da leitura e escrita. Conforme apontado por Skliar (apud SALLES, 2004, p. 48), “[...] as crianças surdas desconhecem os processos e os produtos que determinados grupos de surdos geram em relação ao teatro, ao brinquedo, à poesia visual e à literatura em língua de sinais em geral, à tecnologia etc.”. Sendo assim, deve ser proporcionado aos alunos surdos, principalmente às crianças, o acesso aos processos e obras culturais, à Literatura na modalidade visual, dentre outros.

Em concordância, Quadros (apud SALLES, 2004, p. 48) acrescenta que “[...] o processo de alfabetização de surdos tem duas chaves preciosas: o relato de histórias e a produção de

⁴ Recentemente, deficiência foi definida como “Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas” – Lei nº 13.146/2015, Art. 2º.

literatura infantil em sinais”. Mais uma vez, vemos o quanto a Literatura, nesse caso, a Visual, é importante no processo de ensino e aprendizagem do educando surdo. Comungamos com Quadros (2006, p.25), quando afirma que, “[...] recuperar a produção literária da comunidade surda é urgente para tornar eficaz o processo de alfabetização”. A autora reconhece o quanto a literatura em sinais precisa fazer parte do processo de alfabetização dos educandos surdos, principalmente das crianças. Pois, é justamente nesse processo de alfabetização, que devem ser apresentadas algumas literaturas que envolvam a temática da surdez e que ajudem os surdos a perceberem um pouco mais da sua realidade, e, a conhecerem elementos relativos à sua cultura e história.

Em suma, a literatura proporcionará um leque de possibilidades para trabalhar no ensino da LP, e ainda, como já mencionamos anteriormente, a resgatar histórias que foram escondidas e reprimidas dos surdos, dando vida aquilo que, durante muito tempo, parecia estar adormecido (PEIXOTO, 2020). Trazer a Literatura Visual para o ensino do surdo, é, antes de mais nada, dar vida ao que se perdeu no caminho da história e, conseqüentemente, proporcionar-lhe a oportunidade de aprender de acordo com as suas especificidades.

Quando falamos da educação dos surdos, vale ressaltar, como enfatiza Salles (2004, p. 47), que ela “[...] seja efetivada em língua de sinais”, pois sabemos que, essa é a sua língua natural do surdo, cujo acesso deve acontecer nos mais variados espaços, visando o processo de seu desenvolvimento. Ainda, segundo a autora, ao se referir às disciplinas curriculares, afirma que, “[...] faz-se necessário o ensino de língua portuguesa como segunda língua, com a utilização de materiais e métodos específicos no atendimento às necessidades educacionais do surdo” (Ibidem p. 47). Ou seja, o ensino dessa língua, deve proporcionar meios de aprendizagens significativas.

Em concordância com a afirmação anterior, Quadros expõe que,

(...) no caso da comunidade surda, a L1 é essencial – as crianças surdas precisam ter acesso a uma língua de sinais para garantir o desenvolvimento da linguagem e, conseqüentemente, do pensamento – e a L2 é necessária – as crianças precisam dominar a L2 para fazer valer os seus direitos diante da sociedade ouvinte (QUADROS, 1997, p. 85).

Diante do mencionado, percebe-se o quanto é importante e indispensável que o aluno surdo, desde a fase da infância, tenha através da educação formal, o acesso a L1 e a L2. Essas duas línguas o ajudarão, significativamente, no processo educativo, juntamente com a inserção da literatura visual, que, por sua vez, deve ser utilizada como meio de atrair a atenção do aluno, para o mundo da leitura e, conseqüentemente, da escrita (QUADROS, 1997).

Dessa forma, faz-se necessário que, os “[...] profissionais envolvidos com o ensino de língua portuguesa para surdos, conscientes dessa realidade, predisponham-se a discutir constantemente esse ensino, buscando alternativas que permitam ao surdo usufruir do seu direito de aprender com igualdade [...]” (FARIAS apud SALLES, 2004, p. 47). A reflexão frente ao processo de ensino, permitirá que o professor analise sua prática e, conseqüentemente, busque meios de proporcionar um ensino de qualidade e contextualizado para o aluno, levando em consideração suas necessidades (PERLIN; STROBEL, 2014).

Para que tudo isso aconteça, é preciso que se tenha uma formação adequada, envolvendo conhecimentos concernentes a LIBRAS, aspectos didáticos metodológicos, entre outros aspectos (GALETTO; PRATES; ROHRICH; FESTA, 2016). Pois, assim, os professores e profissionais da área de educação, poderão oferecer um ensino que atenda as especificidades do aluno surdo. Sabemos que ainda há muito para ser alcançado, “[...] contudo, é possível identificar o avanço da política educacional ao estabelecer direitos lingüísticos dos surdos” (SALLES, 2004, p. 34). Em consonância disso, é explicitado no Art. 59 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394/1996, a prevenção da capacitação de professores especializados nos seguintes incisos:

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades; III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns (BRASIL, 1996).

Sendo assim, comungamos com Salles (2004, p. 117), quando afirma que, “[...] a concepção atual de ensino de segunda língua requer uma mudança de postura no que diz respeito ao ensino formal em sala de aula. Não se pode mais abraçar um material didático que apresente a língua como uma entidade estática”. Mais do que nunca, é tempo de rever e analisar de que forma o ensino tem sido oferecido ao educando surdo. Quais resultados positivos tal aluno tem apresentado? Será que, de fato, não chegou a hora de inovar o ensino direcionado ao surdo, proporcionando um ensino diferenciado de outrora? Ou seja, um ensino que atenda às suas especificidades.

Portanto, “[...] no que diz respeito ao aprendiz-surdo, a seleção de textos adequados é fundamental” (SALLES, 2004, p. 117). O aluno precisa estar envolvido com o texto, vindo, portanto, a interagir com ele. Nesse caso, por exemplo, uma boa seleção do texto, a utilização da LIBRAS e da L2, e a escolha de uma literatura visual, proporcionará tais resultados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discutir questões relacionadas a contribuições da literatura visual no ensino voltado para o estudante surdo, constatamos o quanto a literatura é importante e/ou indispensável no seu processo de ensino e aprendizagem. Contudo, mais do que simplesmente introduzir obras literárias no ensino de surdos, antes é preciso que o professor tenha uma formação que o possibilite a pesquisar mecanismos que contribuam, significativamente, no processo educativo desse educando, recorrendo às modalidades de produções literárias adequadas para esse público surdo, como é o caso da Literatura Visual.

A formação adequada permitirá ao profissional da educação rever sua forma de ensinar e, a partir de uma ótica diferenciada, enxergar no aluno surdo alguém que precisa ter acesso a um ensino de qualidade. Para que isso aconteça, com a formação continuada necessária, o professor terá amplas possibilidades de fazer uma seleção de materiais didáticos adequados e dentre tantos outros existentes, adaptá-los ao processo de ensino-aprendizagem do educando surdo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de Dezembro de 1996 - Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Casa Civil, 1996.

_____. **Lei nº 5.626**, de 22 de Dezembro de 2005 - Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: Casa Civil, 2005.

_____. **Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013** - Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 2013.

COSTA, Juliana Pellegrinelli Barbosa. **O surdo e as posições sujeito ontem e hoje: falta, excesso ou diferença**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Campinas, Campinas-SP, 2009. Disponível em: http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269721/1/Costa_JulianaPellegrinelliBarbosa_D.pdf. Acesso em: 28 maio 2020.

COSTA, Simone Saldanha Carneiro; KELMAN, Celeste Azulay. Representações sociais dos surdos do curso de graduação em Letras-Libras. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 26, n. 46, p. 437-450, maio-ago. 2013.

DUBOC, Maria José de Oliveira. A formação do professor e a inclusão educativa: uma reflexão centrada no aluno surdo. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, n. 26, p. 1-5, 2005.

FERREIRA, Rita Wanderline; CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. A importância da Literatura Visual no processo de ensino-aprendizagem do(a) aluno(a) surdo(a). **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 13, 11 jul. 2017.

GALETTO, Anielly Aparecida Kops; PRATES, Bárbara Skalski Bilek; ROHRICH, Karla Stachera; FESTA, Priscila Soares Vidal. A inclusão de educandos surdos no espaço escolar: um estudo de caso. **In: (revista)**. 2016. (Revista)

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a LIBRAS**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura surda. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p. 98-109, 2006.

MAAR, Wolfgang Leo. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. *In: ADORNO, Theodor W. (org.). Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

NICHOLS, Guilherme. **Literatura Surda: além da língua de sinais**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Campinas, Campinas-SP, 2016. 184f.

OLIVEIRA, M. Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PRADO, Rosana. Pensando em Libras e escrevendo em Português: como assim? *In: FRANCISCO, Gildete da Silva Amorim Mendes; SÁ, Tatiane Militão (orgs.). Professores de libras: encontro II – estudos de língua brasileira de sinais para o nível superior*. 1. ed. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019. 124p.

PEIXOTO, Janaína Aguiar. **O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções poéticas em língua de sinais no Brasil**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. 263f.

_____. **Ensino de Literatura para Surdos**. João Pessoa: IFPB, 2020 (no prelo).

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 2, p. 17-31, 2014.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos: aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Müller; SCHMIEDT, Magali L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

RAMOS, Danielle Cristina Mendes Pereira; ABRAHÃO, Bruno. Literatura surda e contemporaneidade: contribuições para o estudo da visual vernacular. **Pensares em Revista**, São Gonçalo-RJ, n. 12, p. 56-75, 2018.

ROCHA, Solange Maria. **O INES e a educação do surdo no Brasil**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: INES, 2008.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima. **Ensino de Língua Portuguesa para surdos**: caminhos para a prática pedagógicas. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SILVERMAN, D. **Interpretação de Dados Qualitativos**: métodos para análise de Entrevistas, Textos e Interações. Porto Alegre, RS: Bookman, 2009.

SOUZA, Roberto Acízelo Quelha. **Teoria da literatura**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2007. 87p. (Princípios; 46).

STROBEL, Karin Lilia. História dos Surdos: representações ‘mascaradas’ das identidades surdas. In: QUADROS, Ronice Muller; PERLIN, Gladis (orgs.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis-RJ: Editora Arara Azul, 2007.

_____. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. 176f.